3 1761 06678741 7

BRIEF
PQD
0002172

SALOMÉ

E OUTROS POEMAS

POR

EUGENIO DE CASTRO

DA REAL ACADEMIA DE HESPANHA

SEGUNDA EDIÇÃO

Digitized by the Internet Archive
in 2010 with funding from
University of Toronto

http://www.archive.org/details/salomeoutrospo00cast

Mr Knight

SALOMÉ

E OUTROS POEMAS

Composto e impresso na Typographia
França Amado, Coimbra.

OBRAS DE EUGENIO DE CASTRO

Crystallisações da Morte, 1884.
Canções d'Abril, 1884.
Jesus de Nazareth, 1885.
Per umbram, 1887.
Horas tristes, 1888.
Oaristos, 1.ª edição, 1890; 2.ª edição, 1900.
Horas, 1.ª edição, 1891; 2.ª edição no prelo.
Sylva, 1.ª edição, 1894; 2.ª edição no prelo.
Interlunio, 1.ª edição, 1894; 2.ª edição no prelo.
Belkiss, 1.ª edição, 1894; 2.ª edição, 1910.
Tiresias, 1895.
Sagramor, 1895.
Salomé e outros poemas, 1.ª edição, 1896.
A Nereide de Harlem, 1896.
O Rei Galaor, 1897.
Saudades do Céo, 1899.
Constança, 1900.
Depois da Ceifa, 1901.
Poesias escolhidas, 1902.
O melhor retrato de João de Deus, 1906.
A Sombra do Quadrante, 1906.
O Annel de Polycrates, 1907.
A Fonte do Satyro e outros poemas, 1908.
Poesias de Goethe, 1909.
O Filho Prodigo, 1910.

SALOMÉ

E OUTROS POEMAS

POR

EUGENIO DE CASTRO

FIDALGO CAVALLEIRO DA CASA DOS SENHORES REIS
D. CARLOS I E D. MANUEL II,
COMMENDADOR DA ORDEM DE S. THIAGO
E DA DE AFFONSO XII DE HESPANHA,
CAVALLEIRO DA DE CHRISTO E DA DE SANTO OLAVO
DA NORUEGA.

SEGUNDA EDIÇÃO

COIMBRA

F. FRANÇA AMADO, EDITOR

1911

LIBRARY
MAY
14
1970

D'esta edição fez-se uma tiragem especial de seis exemplares em papel Whatman, numerados e rubricados pelo auctor.

AO

CONDE DE SABUGOSA

SALOMÉ

A MANUEL DA SILVA GAYO.

6. Die autem natallis Herodis, saltavit filia Herodiadis in medio, & placuit Herodi.

7. Unde cum juramento pollicitus est ei dare quodcumque postulasset ab eo.

8. At illa, præmonita à matre sua: Da mihi, inquit, hic in disco, caput Joannis Baptistæ.

EV. SEC. MATTHÆUM, cap. XIV.

SALOMÉ

I

Grácil, curvada sobre os feixes
De junco verde a que se apoia,
Salomé deita de comer aos peixes,
Que na piscina são relampagos de joia.
Frechas de diamante, em furias luminosas,
Todos correm febris, ao cair das migalhas,
Armando rútilas batalhas
De pedras preciosas...

Como resplende a filha de Herodias,
Do seu jardim entre as vermelhas flores!
Corre por toda ella um suor de pedrarias,

Um murmurar de cores...
Sua faustosa tunica explendente
É uma tarde de triumpho : em fundo côr de brasas,
Combatem fulvamente
Irradiantes tropeis d'aureos dragões com azas.
E sobre as joias, sobre as lhamas, sobre o oiro,
Tão vivo bate o sol que a princeza franzina,
Ao debruçar-se mais, julga ver um thesoiro
A fulgurar, a arder no fundo da piscina...

Sae do jardim a infanta : o calôr a suffoca,
Não pode mais soffrer do sol as igneas settas...
Com um ramo de jasmins sacode as borboletas
Que lhe poisam na bôca...
Eil-a subindo a escadaria na luz dubia
Que um velario tamisa ; eil-a parando
Junto das jaulas, onde estão sonhando,
Como reis presos, os leões da Nubia...
Erguem-se irados os leões, ouvindo passos,
Mas, vendo Salomé, aplacam seu furor
E, em movimentos lassos,
Dão rugidos d'amor !
Fauces escancaradas,

Da tunica os dragões parecem defendel-a...
No entanto, Salomé, divinamente bella,
Pelas grades estende as mãos prateadas,
Que os leões cheiram, em languidos delirios,
Julgando que são lirios...

A infanta vae subindo...
Esbelta e esguia,
N'um gesto musical que espalha mil perfumes,
Do favorito leão a juba acaricía...
E os outros leões rugem d'amor e de ciumes...

Voam ibis no céo... e, erguendo-se, brilhantes,
Dos lagos onde nadam flor's do Nilo,
Os repuxos cantantes
Acclamam Salomé que entra no peristylo...

II

Finda a licção de dança,
Solto o negro cabello, onde sangram rubins,
E quasi núa, Salomé descansa,
Quebrada de torpor, entre fôfos coxins...
Ao pé da infanta, Flavia, a dançarina,
Que de Roma chegou para lhe dar licções,
Diz-lhe, agitando, á luz da lua adamantina,
Seus crotalos de buxo, onde ardem cabuchões:
— « *Ninguem te vence, flor, nas danças voluptuosas!*
« *Ora altiva, ora languida, ora inquieta,*
« *Traçando no ar gestos macios como rosas,*
« *És navio, serpente e borboleta!*
« *Cheios de garbo e aroma,*
« *Teus movimentos são lascivos como vagas;*
« *Ninguem te vence, flor, quando, dançando, embriagas:*
« *Nem mesmo Julia, imperatriz de Roma!*
« *Teu nome ha-de brilhar mais de que o sol no azul!*
« *Em breve, ó Salomé, que os corações captivas,*

« *Ouvindo a tua fama, os reis do norte e sul*
« *Virão beijar-te os pés, em longas comitivas !* »

Cala-se Flavia...
Longe, na alameda,
Cantam pavões, á luz da lua merencoria...
E Salomé, cerrando as palpebras de seda,
Adormece a pensar na sua gloria...

A infanta sonha...
N'um perfumador,
Arde a myrrha, e em seu fumo de saphiras,
Passa o espectro da filha de Cyniras,
Que assim fala n'um rythmo embalador :

— « *Como d'Athenas as mais nobres filhas,*
« *Aurea cigarra em meus cabellos trouxe ;*
« *Em mar de leite prateadas ilhas,*
« *Taes os meus seios de um arfar mui doce...*

« *Quaes as nymphas de Diana nos nocturnos*
« *Bosques, assim meus dedos rescendentes*
« *Em meus cabellos ; e eram meus cothurnos*
« *Sonoros como as cytharas dolentes.*

« *Vivia com meu pae n'umas coutadas,*
« *Onde a murta brotava e o rosmaninho ;*
« *Ao comermos, á sombra das latadas,*
« *Caíam flor's nas taças d'aureo vinho.*

« *Quando nubil me vi, vi que era escrava*
« *Do Amor, que andava em brincos com meus seios :*
« *Quiz beijos ! . . . mas os moços que avistava*
« *Não venciam meu pae . . . achava-os feios . . .*

« *E então amei meu pae, e de tal geito*
« *Que certa noite — nunca eu tal fizéra ! —*
« *Fui metter-me lasciva no seu leito,*
« *Sem que elle imaginasse quem eu era !*

« *Mau Fado para o incesto me impellia !*
« *Meu pae, dando-me beijos, desflorou-me,*
« *E arbusto me encontrei ao outro dia,*
« *Myrrha chamado, pois lhe dei meu nome* . . . »

Cala-se a voz chorosa e crystallina . . .

Rompem aromas p'la janella aberta,
E a luz da lua pallida, ambarina,
Bate em cheio na infanta que desperta . . .

Mas eis que no aposento
Entram, a soluçar, doridas, as escravas,
E uma d'ellas exclama n'um lamento :
— « *Acaba de morrer o leão que mais amavas !* »
Salomé, assombrada,
Cerra as convulsas mãos, rasga os bellos vestidos,

Solta um ai, que reluz como desnuda espada,
E, açoitada p'la dor, cae no chão, sem sentidos...

III

Na jaula do leão que morreu, João Baptista,
A rugir como um leão, passa as noites e os dias...
Sua voz augural, inflammada, contrista
E aperta sem cessar a alma de Herodias.

Moreno, côr de bronze, os cabellos crescidos,
Olhos doidos, febris, cheios de maldições,
Seus sonoros rugidos
Fazem tremer de susto os outros leões!

Poucos se afoitam a passar deante d'elle,
E se alguem passa, é a fugir, em doido anceio;
Apenas Salomé, a princezinha imbelle,
Se aproxima da jaula, sem receio...

E João, que para os outros é feroz,
É para ella um docil cordeirinho ;
Mal a vê, amacía a rude voz,
Muda o olhar de ferro em doce olhar d'arminho...

Salomé ama João
Ainda mais do que amava o leão que lhe morreu,
Passa horas sem fim, cheia de commoção,
A ouvil-o discorrer sobre Jesus e o Céo...
Logo pela manhã, leva-lhe de comer,
Iguarias sensuaes, dignas de grandes reis,
Dá-lhe flor's a cheirar e vinhos a beber,
— E até lhe deu um dos seus fúlgidos anneis...
E o austero Precursor, o filho de Isabel,
Que andava nú ao sol, mastigando raizes,
Ama perdidamente o delicado annel
Cuja pedra lhe doira as noites infelizes...

IV

No dia dos seus annos,
Herodes, p'ra aquietar o triste coração,
Convidou os visinhos soberanos
E deu-lhes um festim de humilhar Salomão.
A preciosa baixella explende ao sol flammante,
Entre um alluvião de nardos e camelias;
Dos escravos o andar segue o rythmo ondulante
Das hebraicas nubelias...
Canta, ao meio da sala, um repuxo aromatico,
Ardem gemmas sem conto ao longo das estolas,
E do arabico incenso o nevoeiro lunatico
Sóbe entre a exhalação das languidas violas...
Entra um enorme peixe, um peixe surprehendente,
Que nas escamas tem todas as cor's do céo;
E o velho Herodes conta a historia commovente
Do annel que um certo rei lançou ao mar Egeu.
Os olhos fulgem sob as c'roas de verbenas,
Passam guizados mil, nadando em mólhos flavos,

E em bellos pratos d'oiro os céleres escravos
Trazem nobres pavões de constelladas pennas.
Tres grandes javalis e dois veados inteiros
Produzem mudo assombro ; o calor asphyxia...
Em taças musicaes fervem vinhos traiçoeiros,
E das nubelias sóbe a clara melodia...
Cada matrona exhibe os seios sem mysterio,
A alta flor do repuxo inflamma-se, argentina,
E Lysanias, tetrarcha de Abilina,
Recita versos gregos de Tiberio...
Herodias sorri com seu sorrir jocundo,
Da luxuria palpita a abrazada maré ;
De subito, porem, tudo se cala :
ao fundo,
Apparece, dançando, a linda Salomé.

Radioso véo mais leve que um perfume,
Cinge-a, deixando ver sua nudez morena,
Dos seus dedos flammeja o precioso lume,
E em cada mão traz uma pallida açuçena.

E a infanta avança então, ao som dos burcelins...

Como somnambula perdida
Em encantados, mysticos jardins,
Dir-se-ia que dança adormecida...
Dir-se-ia que dança, desmaiando
Ao perfume das flor's que estão em roda...
Dir-se-ia que dança e está sonhando...
Dir-se-ia que a estão beijando toda...
.....
Pé ante pé, receosa, dir-se-ia
Que entre dois precipicios vae passando,
E que uma occulta mão, teimosa e fria,
Fazel-a resvalar anda tentando...
.....
Nascem bôcas no ar que a estão beijando,
E ella foge-lhes, doida, anciosa, incerta,
Desmaiando, arquejando, supplicando...

Calam-se os burcelins e Salomé desperta.

Rompem applausos mil em fremitos de chamma,
Dão-lhe joias de preço as languidas mulheres,

Herodias floresce, e o velho Herodes clama :
— « *Salomé ! Salomé ! dar-te-ei o que quizeres !* »

O que ha-de ella pedir ? De essencias um boião ?
Um vestido? Um annel? Um véo? Uma torqueza?
Herodias então diz baixinho á princeza :
— « *Pede-lhe, minha filha, a cabeça de João !* »

A princeza estremece :
— « *O que dizes, matál-o ?*
« *Fazel-o mergulhar no enregelado somno ?*
« *Oh ! não... tomára eu, minha mãe, libertál-o,*
« *Vestíl-o como um rei, sentál-o sobre um throno !* »

Mas Herodias diz :
— « *Pede a sua cabeça,*
« *Se uma gloria quer's ter como ainda ninguem teve ;*
« *Embora a sua morte agora te entristeça,*
« *Essa fragil tristeza ha-de passar em breve...*
« *O calor dos festins dissipará teus prantos,*
« *A saudade é um fugaz aroma de violetas !*

« *E o mundo saberá, filha, que os teus encantos*
« *Fazem rolar no chão cabeças de prophetas!*
« *Essa morte dará um par d'azas radiantes*
« *Ao teu nome; andarás em pompas de victoria!*
« *Se quer's que a tua gloria exceda as mais brilhantes,*
« *Rega com sangue quente as raizes da gloria!* »

Cantam, de Salomé no perfil de moeda,
Doirado p'la ambição, os olhos d'amethysta,
E junto do tetrarcha a sua voz segreda:

— « *Dá-me a cabeça de João Baptista!* »

Treme o tetrarcha, ouvindo tal:
— « *Pref'rira dar-te*
« *Toda a baixella, todo o meu thesoiro...* »

Mas breve, a um gesto seu, um escravo negro parte,
Uma espada levando e um grande prato d'oiro...

Coimbra, 4 de setembro de 1895.

PAN

A OTTO JULIUS BIERBAUM.

PAN

De Apollo os dardos mil descaem já sem fôrça...

No frondoso Cyllene as Oreades cautas,
Todas nuas e a rir, com receios de corça,
Fogem dos Ægipans, que vem tangendo flautas...
Mergulhando febris seus lindos corpos brancos
No esmeraldino mar dos arbustos espessos,
Correm, gritam, dão ais, galgam fundos barrancos,
Soltas as tranças d'oiro aos favonios travessos.
A luz declina... O ar é uma fina pennugem...
Ladram da Caçadora as solertes matilhas...
Cantam os rouxinoes... e os fulvos toiros mugem
Nos pastos, perseguindo as céleres novilhas...

Andam philtros subtis, doces e lisongeiros,
Pelo ether, a acordar e a suscitar delicias...
Ha gemidos d'amor... e os braços dos loureiros
São braços de mulher sequiosos de caricias...
A meio da carreira, eis que os satyros breves
Param, ouvindo Pan, que os chama, e abandonando
O rastro musical das Oreades leves,
Partem buscando o deus, em tumultuoso bando.

Sonha encostado o Nume a uma faia caida,
Tem no dorso uma pel' de lynce, ensanguentada;
N'uma das mãos apoia a fronte entristecida
E co'a outra segura a flauta enamorada.

— « *Tontos!* » exclama o deus, vendo o confuso bando,
« *Embora achasse aqui este macio leito,*
« *Onde, ao pé do açafrão, viceja o smylax brando,*
« *Não consegui dormir, tal bulha tendes feito.*
« *Silencio!... vou dormir até que venha a Aurora,*
« *E vós dormi tambem... vêde, já rompe o luar...*
« *Mas... que tristes que estaes!... Ah! comprehendo agora,*
« *Nenhum de vós logrou uma nympha alcançar...*

« Perdestes a razão? Se é isso o que vos pésa
« Bem mais ingenuos sois que o mais rasteiro ser;
« Se, da Ventura á luz, vos envolve a tristeza,
« Certamente rireis se a Dor vos envolver.
« Tanta tristeza... só porque vistes fugir
« As nymphas liriaes... tristeza de creança!
« É doce o desejar e amargo o possuir,
« Feliz o que deseja e infeliz o que alcança!
« Julgaes que brinco? Ouvi:
« Hontem, da tarde ao fim,
« Despertando, avistei n'um lago, ao pé de mim,
« Syringe, elysia flor, das nymphas a mais bella!
« Seus cabellos sem par tinham fogos d'estrella,
« E em sua fina pelle (ha neve que incendeia!)
« Corriam gelos do Ida e o leite de Amalthea...
« De subito, porém, viu-me a nympha, e medrosa,
« Mantelando a nudez co'a juba luminosa,
« Fugiu!
« Doido d'amor, começo a perseguil-a,
« Corro, chamo, supplico, o meu olhar fuzila,
« E a Zeus pedindo em vão os pés alados de Hermes,
« F'rindo-me nos cardaes, pisando as flor's inermes,
« Levado pelo amor, que a resistencia aviva,
« Vôo, qual dardo, atraz da nympha bella e esquiva...

« *Longo tempo corri sem poder alcançal-a!*
« *Por fim, todo em suor, exanime, sem fala,*
« *Ia já a parar, choroso, quando n'isto,*
« *Sempre, sempre a correr, entre uns cedros a avisto.*
« *Com dobrado vigor persisto na carreira,*
« *E de Syringe, emfim vencida p'la canceira,*
« *Cada vez, cada vez me vou chegando mais...*
« *Sinto azas nos meus pés, furo p'los carvalhaes,*
« *Vôo, doido d'amor, até que, finalmente,*
« *A alcanço... mas então a nympha loira e albente,*
« *Mal minha bôca chega á sua, de coral,*
« *Transforma-se, ai de mim! em verde cannavial!*
« *Desesp'rado, cortei do cannavial a canna*
« *Com que, dorido, fiz esta frauta serrana*
« *Onde chóro Syringe...*
« *Amigos, eis a historia*
« *Que devereis gravar, bem fundo, na memoria,*
« *Que devereis lembrar, como segura adarga,*
« *Contra as frechas hostis da decepção amarga...*
« *Quando virdes passar as nymphas, tomae tento:*
« *Amordaçae o Amor, o javali cruento,*
« *Apunhalae sem dó os lascivos desejos,*

« Vossas bôcas mordei quando pedirem beijos!
« Meus conselhos fixae para vos defenderdes.
« Seguir nymphas... p'ra quê? Que loucura! Eu que o diga...
« Se não as alcançaes, é inutil a fadiga,
« Se acaso as alcançaes, tornam-se em cannas verdes...»

.....

N'isto, perpassa ao longe, entre os choupos prateados,
Uma nympha gentil, como cadente estrella...
E, ao vel-a, Pan, deixando os satyros pasmados,
Ergue-se louco, e parte... a correr atraz d'ella...

Coimbra, 24 de maio de 1895.

O AMOR E A SAUDADE

A MARIE HERZFELD.

O AMOR E A SAUDADE

O Amor teve uma filha á qual chamou Saudade.

Vendo-a crescida,
Vendo-a na edade
De entrar na vida,
Disse-lhe assim um dia :

— « *Envelheci ; no meu jardim cae neve . . .*
« *Já sinto a alma fria,*
« *E no corpo entrará tambem o frio em breve . . .*
« *De noite, vejo só negrumes de athaúdes ;*
« *Tudo é inverno p'ra mim ; abril, acha-o grisalho . . .*

« *Velho e doente, é justo, filha, que me ajudes*
« *No meu trabalho.*
« *Auxilia-me pois! Quando os amantes,*
« *O seio contra o seio,*
« *'Stão enleiados n'um tão doce enleio*
« *Que as longas noites tomam por instantes,*
« *Ao pé d'elles me querem sempre, e assim,*
« *Se, p'ra deixal-os, já cansado, estou,*
« *Começam a chamar por mim,*
« *A perguntar-me para onde vou...*
« *Nunca me deixam, nunca estou tranquillo!*
« *Como o trabalho é rude, d'hoje em deante,*
« *Devemos repartil-o,*
« *Que eu já me sinto fraco e vacillante...*
« *D'hoje em diante, irei deitar os namorados,*
« *Mas tu, Saudade! juncto d'elles ficarás,*
« *E ao chamarem por mim, em gritos suffocados,*
« *Fingindo a minha voz, tu lhes responderás...*
« *Fazem-me louco*
« *As noites perdidas,*
« *E assim já poderei dormir um pouco,*
« *E recobrar até as minhas cor's perdidas...*
« *Vamos! O velho sol já se extinguiu*
« *E a lua branca rompendo vae...*

E a Saudade partiu
Atraz do Pae...

Desde essa noite azul, ébrios de pasmo e dor,
Os que se beijam com anciedade
Adormecem ao pé do Amor
E acordam junto da Saudade...

Coimbra, 5 de outubro de 1894.

OS OLHOS DA ILLUSÃO

A CARLOS DE MESQUITA.

DRAMATIS PERSONÆ

PHILEMON, joven cretense.

O SOMNO.

MORPHEU, ministro do Somno.

LYSIDICE.

MELINNA, creada de Lysidice.

TIMARION } donzellas athenienses.
THAÏS }

XANTHIPPA, velha e feia corynthia.

Sonhos, Homens, Mulheres, Ephebos, Creanças.

Em Athenas.

OS OLHOS DA ILLUSÃO

SCENA I

Uma pequena alcova em cujas paredes resplendem placas de metal polido. Á direita, uma porta. Ao fundo, uma segunda porta, aberta sobre um pateo interior, deixando ver, entre duas columnas de marmore branco, um repuxo, um loureiro-rosa, uma nesga d'azul e, de quando em quando, luminosos bandos de pombas. Á esquerda, um leito de purpura e um cofre. Aos cantos, sobre tripodes de bronze, grandes amphoras cheias de flores. Cadeiras e tamboretes.

Ao anoitecer. Reclinada sobre o leito, quasi nua, cingida apenas por uma tunica levissima, descalça, Lysidice desperta, ouvindo passos. Pouco depois entra Melinna, trazendo um cesto coberto por um panno bordado.

LYSIDICE

Melinna, d'onde vens ?

MELINNA

Das compras...

LYSIDICE

Sempre fóra!
Nunca páras em casa, arveloasinha inquieta...
Sabendo como estou sósinha, vaes-te embora
Sem nada me dizer... Faz-se isto, borboleta?

MELINNA

Injusta e linda! Se eu agora não saisse,
Ficarias sem ceia!... E que agitados ralhos,
Se tal acontecesse!... É assim, Lysidice,
Que premeias os meus solicitos trabalhos?
Não te zangues; vaes ver... trago-te bellas cousas...

Mostrando o que traz no cesto:

Tamaras da Phenicia, amendoas, gafanhotos,
Uvas seccas ao sol entre folhas de rosas,
E figos cujo mel doira seus pallios rotos...

LYSIDICE

Mal empregado tempo e bem mal empregadas
Drachmas que dispendeste! Hoje, não ceio em casa...

MELINNA, poisando o cesto:

Onde é que vaes?

LYSIDICE, sorrindo:

Mysterio...

MELINNA, cheia de curiosidade:

Amores?

LYSIDICE

Infundadas
Conjecturas! Quem viu nos gelos uma brasa?
Vem vestir-me! Essas mãos são mãos de feiticeira
Que fazem realçar meus cantados primores...

MELINNA

Que admiração! já fui, em tempo, jardineira,
E a minha grande sciencia é tratar bem de flores...

LYSIDICE

Que no meu collo brilhe a opala e o chrysopraso...
Faze de conta que me vestes p'ra uma boda;
Põe-me o mais linda que tu possas!

MELINNA

N'esse caso,
Em vez de te vestir, devo despir-te toda...

LYSIDICE

Que eloquente que estás! Os lyricos d'Athenas
Se souberem que tens tão apollinea chamma,

Em vez de irem pedir o auxilio das Camenas,
Virão pedir-te o sal doirado do epigramma...

Saltando para o chão:

Mas despacha-te! dá-me esse espelho prateado
E aquelles doces pós que amaciam a pelle...

MELINNA, entregando a Lysidice um espelho e uma caixinha de marfim:

Vaes conquistar um deus?... Se é Zeus, toma cuidado...
Hera é ciumenta e má... Lembra-te de Semele...

LYSIDICE, vendo-se ao espelho e esfregando-se com os pós que tira da caixa:

Curiosa e tonta!

MELINNA, abrindo o cofre:

Escolhe...

LYSIDICE, ajoelhando e começando a escolher as peças do vestuario:

Esta arachnidea tunica...
Esta charpa de seda... este annel de sardonia...
Est'outro com uma perla azul celeste — a unica
Que existe d'esta côr!... este véo da Laconia...
Este peplon mais branco e fino que o luar...
Estes tres pregos de rubins para a cabeça...

E esta fita de tons incertos, p'ra apertar
Meus bandós...

Erguendo-se:

Prompto!... Vem! Enfeita-me depressa...

MELINNA, substituindo a tunica de Lysidice:

Que adoravel nudez!... Se o deus Hermes te vê,
Aphrodite não mais pernoitará com o nume...

LYSIDICE

E os perfumes, então?

MELINNA, apertando-lhe a tunica com a charpa:

Perfumar-te, p'ra quê?
Já viste alguma vez perfumar um perfume?
De vaidosa que és, tornas-te quasi louca,
A ponto de esquecer as proprias maravilhas...

LYSIDICE

Para aromatisar minha purpurea bôca,
Vae-me buscar, Melinna, uma d'essas pastilhas
Que tu sabes fazer com tão louvado tino,
E que cheiram tão bem a nardo e a flor d'acacia...

MELINNA, vestindo-lhe o peplon:

Um rico a mendigar! Teu halito divino
Vence em cheiro e frescura os zephyros da Thracia...

LYSIDICE, sentando-se:

Nos meus cabellos põe, Melinna, esse besoiro
Doirado...

MELINNA, desprendendo-lhe os cabellos:

Espera, vou alisal-os n'um ai...
Que cabellos! são como aquella chuva d'oiro
Em que Zeus se tornou para roubar Danae!

Penteando-a:

Mas onde é que tu vaes?

LYSIDICE

Indiscreta Melinna!
Pois bem! sabel-o-ás... vou já pôr tudo a limpo:
A minha origem foi — não desmaies! — divina,
Passo por ser mortal, porém nasci no Olympo!

MELINNA, com um sorriso d'incredulidade:

Gracejas...

LYSIDICE

De que côr são teus olhos?

MELINNA

Cinzentos...

LYSIDICE, dando-lhe o espelho:

São bem cinzentos? Vê...

MELINNA, vendo-se ao espelho:

São cinzentos, bem vejo...

LYSIDICE, passando as mãos pelos olhos de Melinna:

E agora como são?

MELINNA, cheia de pasmo, mirando-se novamente:

Azues!... parecem firmamentos!
Que foi isto?... Quem és?

LYSIDICE

Já vês que não gracejo...

MELINNA, assombrada:

Uma deusa!

LYSIDICE

Está bem! dóma a tua surpreza
E avia-te...

MELINNA, continuando o penteado:

Uma deusa!... Assombro sem egual!
Bem me par'cia a mim que tão grande belleza
Não a podia ter uma simples mortal!

LYSIDICE

Eu e minhas irmãs somos as Illusões
Que, enganando os mortaes, andamos pelo mundo,
Adormentando a dor dos tristes corações,
Em jardins convertendo este Tártaro fundo...
Dos que vivem a amar, n'essa arachnidea rede
Sob a qual se abre, hostil, uma hiante caverna,
Sabemos mitigar a abrasadora sêde,
Levando-os a julgar que o amor é rosa eterna;
Convencemos com arte as feias desprezadas
De que mais lindas são do que as Horas e as Graças;
'Squecem-se ao pé de nós — os f'ridos, das frechadas,
Os velhos, da velhice, e os tristes, das desgraças...
Longo tempo exerci a minha profissão,
Até que um dia reparei, doridamente,
Que me seguia sempre a negra Decepção,
Com passos de raposa e olhos de serpente.
Ia por onde eu ia, a inclemente megera,
Sempre a semear o mal com crueldade rara,

Despertando, maldosa, os que eu adormecera
E apunhalando os que eu de rosas coroára.
Vendo que não podia afugentar a hyena,
E que a hyena mordia os que eu tinha beijado,
Deixei o meu officio, e vim viver serena
N'esta pequena casa...

Impaciente:

Então, e o penteado?
Que vagarosa estás!... Depressa, põe-me linda!

MELINNA, ainda cheia d'assombro:

Tu, uma deusa!

LYSIDICE

Sim... mas descida do throno...
Avia-te!

MELINNA

Porém, não me disseste ainda
Onde vaes esta noite...

LYSIDICE

Ao palacio do Somno,
Do silencioso deus, meu leal e augusto amigo...

MELINNA, tendo acabado de pentear Lysidice:

Prompto!

LYSIDICE

Estou linda?...

MELINNA, calçando-lhe os cothurnos:

Como as puras açucenas...

E o que vaes lá fazer?

LYSIDICE

Mysterio!... Só te digo
Que vou lá p'ra vingar as donzellas d'Athenas.
Vive entre nós um heroe, um atrevido cretense,
Como Apollo formoso e como Ajax valente,
Que os moços da cidade altivamente vence,
Galhardo como um deus...

MELINNA

Philemon?

LYSIDICE

Justamente...
Não ha um poeta só que o não celébre em hymnos,
Nenhum athleta ainda appareceu mais forte,
As aguas faz parar com seus cantos divinos,
E o seu aureo carcaz é a casa da morte.
A sua voz possue a musica dos versos,
Ninguem como elle ostenta o capacete e as cnemides;

Mas não tem coração! e os seus olhos perversos,
Derramando desdens, são peior's do que as Eumenides!
Seus encantos sem par, nos peitos mais tranquillos,
Derramam a afflicção, a dôr, a raiva, o fel;
Seus cothurnos, pisando os brancos peristylos,
Esmagam corações, que suspiram por elle...
Não! não tem coração! Por elle, os olhos bellos
De Zenophila são dois lagos a chorar,
E Timarion em vão cortou os seus cabellos
E em vão os foi depor de Aphrodite no altar;
Melissa, cuja bôca era um annel de rubis,
Já nem parece a mesma; Alcippe endoideceu...
E, desesp'radamente, Hermione — a infeliz!
Do Leucate lançou-se ao mar onde morreu...

Com impaciencia:

Vamos! É tarde já... Já pelo azul celeste
Começam a appar'cer laivos côr de violeta...
Não te demores pois!... O véo, onde o pozeste?
Vamos! Melinna, então? Dá-me aquella boceta...

MELINNA, pondo-lhe o véo:

Que linda que tu vaes! Que encanto de cabeça!

Indo buscar um annel:

Ah!... deixa-me metter este annel no teu dedo...
Que explendor!

LYSIDICE

E a boceta?

MELINNA, dando-lhe uma boceta d'oiro:

Aqui a tens... que pressa!

O que levas aqui?

LYSIDICE, dirigindo-se para a porta do fundo:

É esse o meu segredo...

Exit.

SCENA II

Uma camara no palacio do Somno. Á direita, um leito de pennas, abrigado por cortinados negros. Ao fundo, uma janella dando sobre uma silenciosa paisagem, onde corre o rio do Esquecimento. Á esquerda, uma porta. Arrumados ás paredes de marmore preto, grandes vasos cheios de plantas soporiferas. Penumbra.

Tendo na dextra um chifre, e na sinistra um dente d'elephante, o Somno, dorme graciosamente reclinado no leito de pennas, em torno do qual os Sonhos dançam e cantam em surdina, de mãos travadas. Morpheu vela, de pé, junto do Deus.

OS SONHOS, cantando:

Já desce Artemisa, do céo constellado,
A arder de paixão,
Já passa p'las trevas, n'um coche prateado,
Já corre p'ra a gruta do seu namorado,
Do lindo Endymião...

Os fusos já caem das mãos das donzellas,
Que estão a fiar...
E os ephebos loiros, chamando por ellas,
Conversam com ellas á luz das estrellas
E á luz do luar...

As lampadas postas á beira dos leitos
Já olham, ciosas,
As virgens que expõem seus nitidos peitos,
Quaes cysnes d'Amycles, dos moços perfeitos
Ás bôcas de rosas...

MORPHEU

Não façaes bulha a dançar,
Não canteis tão alto, vamos!
Que o vosso doce cantar
Seja um Zephyro nos ramos...

OS SONHOS

Ó flor's mysteriosas, subtis dormideiras
Das margens do Lethes,
Lançae somnolencias, deliquios, canceiras,
Mandae que se calem os cantos das eiras,
E o rir dos banquetes...

Silencio!... Calae-vos, tritões e sirenas...
Silencio profundo!
Ah!... vamos deitar-nos, em leitos de pennas,
Co'as alvas de neve, co'as doces morenas
Mais lindas do mundo...

De subito, ouvem-se passos. O Somno revolve-se no seu leito, os Sonhos fogem espavoridos, e Morpheu caminha, aterrado e colerico, para a porta. Apparece Lysidice.

MORPHEU, indignado, falando muito baixinho, para Lysidice:

Anda mais de vagar! Descalça os teus cothurnos!
Que vens tu cá fazer?

LYSIDICE, muito alto:

Quero falar com o rei...

MORPHEU

Cautella! O que interrompe os silencios nocturnos
Colhe um castigo atroz...

LYSIDICE, enjoada, muito alto:

Não me importa... bem sei...

MORPHEU, supplicante:

Fala mais devagar!

LYSIDICE

Que grande caturrice!

Imperiosamente:

Quero falar com o rei!

MORPHEU, desorientado:

Ó desgraçada, foge!
Se o acordas, morrerás...

O SOMNO, despertando:

Ah! és tu, Lysidice?

MORPHEU, como doido:

Oh! que noite de insomnia os mortaes vão ter hoje!

O SOMNO, fingindo-se irritado, para Lysidice:

Todo o que me desperta é condemnado á morte
E na morte achará tão violentos martyrios
Que até invejará a commovente sorte
D'Ixion e Salmoneo...

LYSIDICE, comicamente aterrada, como se um calafrio lhe percorresse a espinha:

Ai! meu corpo de lirios!

MORPHEU, sorrindo:

Socéga, flor...

LYSIDICE

Respiro emfim!

O SOMNO

Não se é em vão
Linda como tu és, inveja das mulheres
E deusas!... Fiz comtigo, ha muito, uma excepção:
Bemvinda tu serás sempre que cá vieres...
Ha quanto tempo já, ha quanto! eu não te via!
Tuas lindas irmãs são bem menos ingratas,
Vem ver-me muita vez, minha corça erradia...
Dize, que fazes tu que tanto te recatas?

LYSIDICE

Sequiosa da paz que a vida aformoseia,
Deixei de acompanhar minhas lindas irmãs,
E vivo agora na cidade de Athenêa,
Como qualquer matrona, a fiar minhas lãs...

MORPHEU

Mas porque te escondeste assim?

LYSIDICE

Remorsos... Tive-os
Ao ver que as illusões que eu outorgava ás gentes
Eram lindos jardins cujos roseiraes niveos
Se tornavam depois em ninhos de serpentes...
Porém hoje, alto Deus, afim de bem punir

Um certo que mer'cera o furor das harpias,
Retomo o meu poder e venho-te pedir
Esse elixir que tens p'ra causar lethargias...

O SOMNO, para Morpheu:

Dá-lhe um frasco, Morpheu...

LYSIDICE

Obrigada, bom rei.

MORPHEU, dando-lhe um pequeno frasco:

Toma...

LYSIDICE, para o Somno:

Adeus...

O SOMNO

Já te vaes?... Irrequieta narceja...
E quando voltarás?

LYSIDICE, encaminhando-se para a porta:

Muito breve...

Exit.

O SOMNO, com os olhos na porta:

Não sei
Como Cypris ainda a não matou, de inveja...

O Somno adormece... Silencio. A pouco e pouco, cautellosamente, os Sonhos voltam para junto do leito em torno do qual continuam dançando.

OS SONHOS

Perfumes dormentes, saí das redomas,
De leve... de leve...
Ah! vamos deitar-nos nas tumidas pomas
Das lindas donzellas, collinas d'aromas,
Collinas de neve...

SCENA III

A alcova de Philemon. Ao fundo, um leito coberto de pelles fulvas. Á direita, uma porta e uma janella. Á esquerda, uma segunda janella velada por um longo cortinado cuja fimbria roça no chão. Ornamentando as paredes, um espelho, panoplias e coroas de loiro, de folhas de oliveira e d'agulhas de pinheiro. A um canto, sobre um tamborete, uma lampada de prata, apagada. Noite. Entrando pela janella, o luar illumina dubiamente a deserta alcova.

Abre-se lentamente a porta e apparece Thaïs.

THAÏS, entrando e fechando a porta:

Ainda não chegou... É esta a sua alcova...
Como eu venho a tremer! Cypris! dá-me coragem,
Faze que o meu olhar o seu olhar commova!

Olhando em torno de si:

Eis o espelho onde boia a sua doce imagem,
Eis o leito em que dorme o que não tem desejo,
A lampada feliz que, ás noites, o illumina,
E o sobrado que pisa: ah! como vos invejo,
Leito, sobrado, espelho e lampada argentina!
Cypris! tem dó de mim! Aquece aquella argilla,
Que o seu peito palpite ao palpitar do meu!
Aniquila os desdens com que elle me aniquila,
E que ao teu bello altar nos conduza o Hymeneu!

Levantando o cortinado da janella:

Aguardarei aqui, anciosa, a sua vinda...
Depois, quando elle vier e se deitar no leito,
A palpitar d'amor, na minha nudez linda,
Louca, febril, irei aninhar-me em seu peito...

Subjugada por uma ideia cruel:

E se me repellir?... Oh! não, não me repelle!
Falar-lhe-ei tão docemente, de tal sorte,
Que seccará, n'um prompto, o seu desdem cruel!

Com um sorriso amargo:

E se me repellir... não me repelle a morte...

Ouvindo mexer na porta:

É elle!... Elle ahi vem!

Thaïs esconde-se, emquanto, aberta a porta, apparece Timarion.

TIMARION, entrando e fechando a porta:

Ainda não chegou...

THAÏS, á parte:

Uma mulher!... Que é isto?

TIMARION, avançando timidamente e olhando em redor:

É aqui que elle mora...

THAÏS, á parte:

Cypris, uma rival! Que desgraçada eu sou!
O amor me está queimando e o ciume me devora!

TIMARION

Transformae-vos por fim em lirios, ó abrolhos!
Quando elle agora entrar, cair-lhe-ei nos braços
E subjugal-o-ei...

THAÏS, á parte, furiosa:

Hei-de arrancar-te os olhos!

TIMARION

Que doces devem ser seus languidos abraços!
Ah! que orgulho p'ra mim, se elle me receber!
Mas quem sabe?... O seu peito é como a penha bruta
Onde não medram flor's... Ou possuil-o... ou morrer:
Uma taça deixei em casa com cicuta...
Cypris! Cypris, tem dó da namorada oppressa,
Torna brando, de cera, aquelle peito cru!

Aproximando-se do leito e beijando-o:

Como é doce o logar onde poisa a cabeça!

THAÏS, alto, saindo de traz do cortinado, doida de ciume:

Vibora! Sapo!

TIMARION, recuando assombrada:

Zeus!

THAÏS

O que pretendes tu?

TIMARION, furiosa, reconhecendo Thaïs:

O quê? És tu, Thaïs?

THAÏS

E atreves-te a falar-me!
Que vens tu cá fazer?

TIMARION

Que estás fazendo cá?

THAÏS, em crescente indignação:

Some-te já d'aqui!

TIMARION, colerica:

Julgas intimidar-me?
Buscas o seu amor, tu, tão feia e tão má?

THAÏS

Philemon é só meu!

TIMARION

É meu, que o amo mais!

THAÏS

Mentes, esterco vil!

TIMARION

Mentes tu, percevejo!

Ouve-se mexer na porta.

THAÏS

Philemon!... elle ahi vem!

Apparece Lysidice.

TIMARION

O numes immortaes!

THAÏS, avançando para Lysidice:

Que queres tu d'aqui?

LYSIDICE, sorrindo:

Por Zeus! como vos vejo!
Socegae, socegae... não sou vossa rival.
Mas o que é que fazeis?

THAÏS, apontando para Timarion:

De Philemon á espera,
Ha pouco, eu estava aqui, quando esta medonhenta
Veiu metter-se cá...

TIMARION, apontando para Thaïs:

Thaïs, esta megera,
'Stava escondida alli...

THAÏS, para Timarion:

Fingida!

TIMARION, para Thaïs:

Peçonhenta!

LYSIDICE, pacificante:

Ingenuos corações, os vossos, ó donzellas!
Pois 'inda cubiçaes de Philemon os beijos?
Mais vos valera apaixonar-vos p'las estrellas...
Deitae gêlo, deitae, sobre os vossos desejos!
Baldado o pranto que n'esses rostos deslisa!
Jamais abrandareis sua cruel frieza...
Embalde o cego Amor aquelle peito visa:
Os seus dardos subtís deixam a rocha illesa!

Resignae-vos, limpae os olhos com os cabellos,
E abandonae de vez taes sonhos de creança,
Fazei o que vos digo, e os vossos labios bellos
Peçam, em vez d'amor, diluvios de vingança!

TIMARION

Porém, dize, a que vens?

LYSIDICE

Sabel-o-eis em breve!
Mas, p'los deuses! fazei o que eu vos ordenar...
Deixae por minha conta esse monstro de neve...

Para Thaïs:

Toma tento, Thaïs! quando elle apparecer,
Contém-te: o teu desejo esbraseado, vence-o...

Para Timarion:

Tu, Timarion, vê lá... vê o que vaes fazer!

Levantando o cortinado da janella:

'Scondamo'-nos aqui... Nem chus nem bus: silencio...

Lysidice, Timarion e Thaïs escondem-se atraz do cortinado. Pouco depois entra Philemon.

PHILEMON, tirando o manto:

'Stou livre emfim de vós, lindas perseguidoras

Que nunca me deixaes!... Doidas, não vos canseis!
Vossa fadiga é vã, sombras encantadoras,
Debalde supplicaes, nunca me vencereis!
Tontinhas, correis mais do que o sangue nas veias...
Por onde quer que eu vá, quer passe n'um jardim,
Quer pare no Pecílo ou suba ás Propyleas,
Andaes sempre a correr, doidas, atraz de mim...

Deitando-se:

Sois bem formosas... sois... e deve ser bem suave
Despir-vos, oscular vossa pel' de violetas,
E adormecer co'a bôca em vossos seios d'ave:
— Mas o Amor effimina e corrompe os athletas...
Ás vezes, o desejo em meu peito se enrosca
E então cubiço os vossos beiços de coral,
Mas breve caio em mim, pensando na arriosca
Em que Heracles caiu, vencido por Omphale...
Não me subjugareis, ó virgens mais graciosas
Do que as palmas da Eubêa e as galeras antigas:
Ao vosso amor prefiro as c'roas gloriosas
Que obtenho ao pugilato e a conduzir quadrigas!
Embalde desnudaes a graça não vencida
D'esses corpos em flor, com frescuras de pomo:
Não, não me vencereis, lindas!... a minha vida
É luctar no gymnasio e correr no hyppodromo!

Perdes o tempo, Amor! Com os dardos scintillantes
Do teu bello carcaz visar meu seio podes:
Não lograrás cegar meus olhos penetrantes,
Que distinguem, de Creta, as montanhas de Rhodes..

Adormece e começa a roncar.

LYSIDICE, saindo, muito devagarinho, do esconderijo:

Já começa a roncar... Nem um leve ruido...
Silencio... nem um ai...

Aproxima-se, cautellosamente, de Philemon e deita-lhe no ouvido algumas gottas do elixir que foi buscar ao palacio do Somno. Alto, para Thaïs e Timarion:

Prompto! podeis falar...
Graças ao philtro que lhe derramei no ouvido
Nem um tremor de terra o pode despertar.

TIMARION, quasi lacrimosa:

Então fica a dormir eternamente?

LYSIDICE, accendendo a lampada:

Não:
Do lethargo sairá mal entre aqui um raio

Da flava luz do sol...

Elevando a lampada e mostrando
Philemon que dorme profundamente:

Eis o formoso leão!

Mas não quereis beijal-o?... Então, vamos! beijae-o...

Timarion e Thaïs precipitam-se doidamente sobre Philemon, acariciando-o e beijando-o com sofreguidão:

TIMARION

Philemon!

THAÏS

Meu amor!

TIMARION

Oh!... gostosa delicia!

THAÏS

Bôca cheia de mel!

TIMARION

Cabellos d'ambrosia!

THAÏS

Bôca rubra, auroreal como os lirios da Lycia!

TIMARION

Dentes mais alvos do que os lirios da Antiochia!

LYSIDICE

Basta! A lua vae alta e as noites são pequenas!
Timarion e Thaïs, perdestes a cabeça?
Basta!

TIMARION, supplicante:

Um só beijo!

LYSIDICE, inexoravel:

Basta!

THAÏS

Um beijo! Um beijo apenas!
Um só!

Lysidice puxa-lhe por um braço.

TIMARION

Como o prazer bate as azas depressa!

LYSIDICE

Resignae-vos! a vida é assim: veneno e flor...

Entregando a lampada a Thaïs:

Allumia, Thaïs... desperta esse morrão...

Abrindo a boceta d'oiro, d'onde tira dois olhos de vidro, Lysidice aproxima-se de Philemon e descerra-lhe as palpebras.

TIMARION

O que estás a fazer!

LYSIDICE, mostrando os dois olhos de vidro:

Nos seus olhos vou pôr
Estas cascas de vidro — os olhos da Illusão...
Estes vidros — olhae! — transformam tudo, e assim
Philemon, ámanhã, heis-de vel-o, não minto,
Louco, doido d'amor...

THAÏS

Por mim?

TIMARION

Dize, por mim?

LYSIDICE, applicando os dois olhos de vidro sobre os olhos de Philemon:

Por uma velha, um horror! que chegou de Coryntho.

TIMARION

Bella vingança, a tua!

LYSIDICE, encaminhando-se para a porta entre Timarion e Thaïs:

Agora, ide dormir,
Ide dormir, sonhar mil sonhos lisongeiros.

Abrindo a porta:

Ámanhã, quando o sol regressar do nadir,
No Gymnasio aguardae-me á sombra dos loureiros.

Exeunt.

SCENA IV

Uma pequena e desguarnecida alcova. Ao fundo, uma janella. Duas portas: uma á esquerda, outra á direita. Velhos moveis. A meio do aposento, sobre um tamborete, uma lampada accesa.

Sentada n'uma esteira, Xanthippa, velha gorda e horrenda, está fiando. Ouve-se mexer na porta, e pouco depois apparece Lysidice.

LYSIDICE, entrando:

Xanthippa!

XANTHIPPA, sobresaltada:

Quem és tu?... Que pretendes de mim?

LYSIDICE, sorrindo e entregando-lhe um annel:

Mensageira do Amor, trago-te este presente,
Este precioso annel, onde sangra um rubim...

XANTHIPPA, admirando o annel:

Que lindo!... E quem m'o manda?

LYSIDICE

Alguem que por ti sente
O mais profundo amor...

XANTHIPPA, iracunda, ameaçando-a com a roca:

Foge da minha vista,
Desalmada! cruel! que assim vens insultar
A velhice e a doença!

LYSIDICE

Oh! colera imprevista!
Quem tal podéra crer?

XANTHIPPA

Has-de um dia pagar
A tua crueldade!

LYSIDICE, serenando-a, com uma voz de sereia:

Ouve-me um pouco, amiga...

XANTHIPPA, furiosa:

Não, não te quero ouvir!... Julgavas-me (illusão!)
Uma doida talvez:... mas a edade e a fadiga
Levando-me o frescor, deixaram-me a razão!
Tenho um espelho e bem sei que estou feia, enrugada
E que nenhum mortal pode sem nojo olhar-me;

Tambem tu serás feia, ó linda desalmada,
Não devias, por isso, aqui vir insultar-me!

LYSIDICE

Não te insulto, por Zeus! Se uma de nós se illude,
A illudida és tu... Teu 'spelho é um mentiroso:
Velha ou nova, que importa? a luz da juventude
Divinamente corre em teu perfil gracioso.

XANTHIPPA, primeiro vaidosa e depois nostalgica:

Se assim fosse... mas não! não pode ser formosa
Quem soffre co'a velhice o peso das desgraças!

LYSIDICE, lisongeira:

Mais velha do que tu, de Menelau a esposa
Ainda vencia em graça e formosura as Graças!

XANTHIPPA, envaidecida:

Se assim fosse...

LYSIDICE

Assim é. Tua linda cabeça
Venceria, p'lo amor, o proprio Minotauro;

Teus bellos peitos são duas pombas de Messa,
Perturba, o teu olhar, qual vinho d'Epidauro.

XANTHIPPA, caindo em si:

Não sejas tão cruel!

LYSIDICE

Pois duvídas ainda!

Dando-lhe um espelho encantado:

Aqui tens, vê-te aqui... verás que não mentia...

XANTHIPPA, vendo-se ao espelho, cheia de alegria e pasmo:

Como foi isto?... Zeus! Como eu me vejo linda!
Vinde invejar-me, Aglaia, Euphrosina e Thalia!

Voltando-se para Lysidice:

Bemdita sejas tu que a ventura me trazes!

Vendo-se ao espelho:

Linda! como eu sou linda!... Ai, que ditosa eu sou!
Minha garganta humilha os viçosos lilazes!

Sorrindo para Lysidice:

Mas dize-me: quem foi que este annel me mandou?

LYSIDICE

Foi Philemon, o heroe...

XANTHIPPA, erguendo-se, doida de alegria e vaidade :

Philemon ! ... Que ventura !

LYSIDICE

Elle que, olhos na Gloria, avança indifferente,
A frio retalhando a alma das donzellas,
Elle, o gelado heroe, ama-te ardentemente :
És a feliz rival das princezas mais bellas !

XANTHIPPA

Ah ! como eu sou feliz !

LYSIDICE, empurrando Xanthippa para a porta :

Vamos !

XANTHIPPA

Virgem querida,
Onde me quer's levar ?

LYSIDICE

Com elle irás dormir ...

XANTHIPPA

Mas deixa-me vestir ao menos...

LYSIDICE, abrindo a porta e empurrando Xanthippa:

Presumida!

Vestir-te?... para quê, se tens de te despir?

Exeunt.

SCENA V

Manhã doirada. No Gymnasio d'Athenas: uma grande explanada cingida por loureiros e porticos. Á esquerda, uma fonte. Á direita, uma casa de banhos. Ao fundo e a distancia, resplendem sobre as arvores, os marmores de Acropole.

No primeiro plano, passeiam diversos grupos. Vestuario dos homens: tunicas brancas e sandalias. Vestuario das mulheres: tunicas de diversas cores, ornadas de bordaduras; sandalias; cabellos em bandós, apertados por fitas estreitas. De quando em quando, entre os grupos, avoejam os veos amarellos das hetaïras. Ao fundo, jovens athenienses, quasi nús, correm em volta do estadio, saltam, luctam e lançam o disco. Alguns, saindo da casa de banhos, friccionam-se com estrigilos.

Pela direita, entra um grupo de seis ephebos, tunicados de branco, que se dirigem para o fundo, cantando o hymno a Pallas.

OS EPHEBOS

Pallas-Tritogenia,
Das cidades ruina,
Protege, illumina
Os adolescentes!
Torna-nos, ó virgem
D'olhos bellicosos,
Torna-nos famosos,
Como Heitor valentes!

Pouco depois entra o lindo Philemon, beijando e acariciando apaixonadamente a velha e feia Xanthippa, que vem ridiculamente aparamentada com adornos menineiros. A chegada do estranho par desperta um movimento geral de mofa.

PHILEMON, para Xanthippa, doido d'amor:

Tens de Athenêa o olhar, tens de Thetis os pés,
És alva, meu amor, como uma flor lunatica,
Teu riso humilha a aurora, e, se caminhas, és
Nobre e graciosa como as palmeiras da Attica!
P'ra que Aphrodite estreite o laço que nos liga,
Minhas cnemides fui depor em seu altar,
E no seu templo irei depor minha quadriga
Se o fogo do teu peito o meu fogo egualar!

XANTHIPPA

Achas-me fria?

PHILEMON, sentando-se ao lado de Xanthippa, junto da fonte:

Ao pé do fogo d'esta bôca
O teu calor é neve, ó bôca d'ambrosia!
Enlouqueces-me... e eu nunca te faço louca:
És loira como o sol, mas como a lua és fria!

Os passeantes ouvem e riem, divertidissimos. Philemon, sem dar por tal, continúa:

A frieldade enrija e torna d'aço os musculos,

Por isso, os luctador's, despindo as bronzeas cotas,
Ao romper da manhã, por doirados crepusculos,
Vão banhar-se no frio e tumultuoso Eurotas...
Se elles soubessem, flor! ó flor de neve e seda!
Como é teu corpo ideal, tão frio como bello,
Deixando o rio aonde o Cysne venceu Leda,
Viriam tomar banho em teu corpo de gelo!

Gargalhadas. Philemon comprehende que o estão troçando. Para Xanthippa:

'Stão rindo-se de nós... coitados! É a inveja
Que os agita... Imbecis! Se elles te vissem nua!
Se elles podessem ver como o teu corpo alveja!

Para os grupos:

Imitaes, imbecis! os cães ladrando á lua!
Porque estaes rindo assim? Que algum de vós se affoite
A medir-se comigo!... Então!... Já me envinagro!
Cautella!

Ternamente para Xanthippa:

O teu olhar tem estrellas como a noite,
Tuas palavras são versos de Meleagro!

Homens e mulheres, velhos e creanças, tudo ri a bandeiras despregadas. Philemon irrita-se:

Basta de risos vãos! basta de gargalhadas!
Vasos com tanto som é porque estão vasios!

Para Xanthippa:

Meu lindo e puro amor! São roseas alvoradas
As noites, se adormeço em teus braços macios...

Troça indiscriptivel: uma cataracta de gargalhadas. Cheio de desespero, Philemon avança de punhos cerrados para um velho, que aperta a barriga, a rir. N'isto apparece Lysidice que o detem.

LYSIDICE

Suspende!

Olhando muito para Philemon:

O que tens tu nos olhos?

Tira-lhe os olhos de vidro:

PHILEMON, abrindo muito os olhos e recuando, aterrado, ao ver a medonha Xanthippa:

Oh! que horror!

Envergonhado, para a multidão, que continúa a rir:

Ah! comprehendo emfim vossos duros remoques!

Para Xanthippa:

Some-te, monstro vil!

XANTHIPPA, aproximando-se, unctuosamente, de Philemon:

Philemon! meu amor!

PHILEMON, fugindo-lhe:

Some-te!

XANTHIPPA, perseguindo-o:

Meu amor!

PHILEMON, com asco:

Harpia! não me toques!

Philemon deita a fugir. Xanthippa gesticúla, ridiculamente indignada. Gargalhadas.

OS EPHEBOS, ao fundo:

Pallas-Tritogenia,
Das cidades ruina,
Protege, illumina
Os adolescentes!
Torna-nos, ó virgem
D'olhos bellicosos,
Torna-nos famosos,
Como Heitor valentes!

Coimbra, 23 de setembro de 1895.

A MONJA E O ROUXINOL

AO CONDE ROBERT DE MONTESQUIOU-FEZENSAC.

A MONJA E O ROUXINOL

Dos argentinos platanos á sombra,
A linda monja, que já foi princeza,
Deixa correr os olhos na paisagem...

Vê-se o mosteiro, ao longe, entre o arvoredo...
Lá, n'um balcão ás aguas sobranceiro,
As outras monjas riem, contemplando
O polyphono mar tão buliçoso,
Que das vagas os limpidos aljofres
Sobre o burel dos habitos scintillam,
O aspecto dando áquellas pobresinhas
De rainhas folgando n'uma boda.

A princeza real que se fez monja,
Que uma c'roa trocou pelos cilicios,
E as festas pela doce paz do claustro,
Longe das companheiras sorridentes,
Jámais aos brincos d'ellas se associa.
Quando não dorme ou resa, a sua vida
É divagar sósinha pela cêrca,
Tão alheia a si mesma, tão suspensa,
Qual se as nevoas d'um sonho atravessasse...

A monja pensa...
Um dia, era noviça,
Ao despertar, seus claros olhos viram
Junto de si um rouxinol mavioso
Que lhe disse :
« *Sou eu, a tua alma,*
« *Que esta fórma tomei para, voando,*
« *Correr distantes, lucidos paizes,*
« *Cujos prodigios mil e mil encantos*
« *Virei contar-te nas serenas noites...* »

Então o rouxinol bateu as azas,
Mas nunca mais voltou á sua dona
Que de o tornar a ver já desespéra,
Soffrendo tanto que, chorosa, julga
Ter tido, por milagre, duas almas,
Porque, fugindo-lhe uma, não sentira
Taes penas se uma outra não tivesse.

Fana-se o dia...
Eis que, ao nascer da lua,
Entre as aves que voltam a seus ninhos,
Da esbelta monja um rouxinol se abeira,
Mirando-a e remirando-a, até que rompe
N'um prateado cantar:
« *Não me conheces?*
« *Sou eu, a tua alma... Tem paciencia*
« *Se de ti me apartei por tanto tempo;*
« *Ah! mas tu não calcúlas, minha amiga,*
« *Que lindas coisas vi, que lindas coisas*
« *Trago p'ra te contar...* »
A paz da noite

Pelos tranquillos prados se avelluda;
E então á monja, que em transporte languido
Parece ouvir alli celestes córos,
Á linda monja, cujos olhos mansos
Se vão cerrando em mystica volupia,
O airoso rouxinol conta as viagens
Que fez pelas estrellas diamantinas...

Oh! que doce cantar! cantar tão lindo
Que o sol nasceu, subiu e emfim sumiu-se
Sem que a monja em seu curso reparasse,
Toda alheada a ouvir o lindo canto...
E o canto não termina! E a lua branca
De novo sobe no ar, de novo expira,
Novamente o sol fulge e empallidece,
E sempre o canto a acalentar a monja...

O canto celestial a vae levando
Por divinos jardins maravilhosos,
Onde os pallidos anjos sorridentes,
Com aereos vestidos de perfumes,
Andam curando borboletas f'ridas...

Leva-a, surpresa, pela Via-Lactea,
Onde ha florestas brancas, todas brancas,
E onde em lagos de leite nadam cysnes,
Dos seraphins extaticos, puxando
Os barcos de crystal, cheios de lirios...

E o rouxinol não pára! conta, conta
Maravilhas, prodigios, explendores...
E a linda monja, a ouvil-o, sonha, sonha,
Sem comer nem dormir, dias e dias...
Morre por fim o outomno, chega o inverno,
Cae neve, o frio córta, mas a monja
Só ouve o rouxinol... nada mais sente...
Expira o inverno, chega a primavera,
Volta de novo o v'rão, e passam mezes,
Passam annos, cyclones, trovoadas,
E o rouxinol não pára! conta... canta...
E a linda monja, a ouvil-o, sonha... sonha...

Oh! que delicia aquella! que delicia!

Das suas companheiras resta apenas
O frio pó nas frias sepulturas,
E o fogo destruiu todo o convento :
— Porém a monja nada d'isso sabe !
A ouvir o rouxinol, não viu o incendio,
Nem os dobres ouviu, que annunciaram
Das outras monjas a distante morte...

Novos annos se extinguem...
Uma guerra
Teve logar alli, mesmo ao pé d'ella,
Que nada ouviu nem viu a ouvir o canto :
Nem o estridor funesto das granadas,
Nem os suspiros vãos dos moribundos,
Nem o sangue que aos pés lhe ia correndo...

Um dia emfim o rouxinol calou-se !

Dos argentinos platanos á sombra,
A monja despertou, suavemente,
E morreu, qual menino adormecendo,
Emquanto o rouxinol voltava ledo
Para o paiz que tanto o deslumbrára...

Cantára o rouxinol trezentos annos...

Coimbra, 19 de setembro de 1895.

HERMAPHRODITA

A LOUIS PILATE DE BRINN'GAUBAST.

Ao mesmo tempo que ostenta as insignias d'uma fecunda virilidade, seus tumidos seios arredondam-se como os de uma donzella . . .

CRISTODORO DE COPTOS. AS ESTATUAS DE ZEUXIPPO.

HERMAPHRODITA

D'Hermes e d'Aphrodite o filho esbelto e amado,
De Salmacis oscúla o corpo melodioso,
E a nympha treme e enleia o moço deslumbrado,
Com um prazer que até chega a ser doloroso...

Ella — docil, a arfar, como, ao vento, as searas...
Elle — forte, a arquejar, como, com cio, um toiro...
O cabello da nympha inunda as duas caras,
E ha beijos musicaes sob essa chuva d'oiro...

Enleados um ao outro, a aza d'uma mosca
Não caberia, não ! entre esses corpos bellos,
Que se enroscam, sensuaes, febris, como se enrosca
No tronco a vide em flor, e a hera nos castellos.

Dos dois corpos a união, entre lascivos ais,
Cada vez, cada vez se torna mais completa,
E aquellas coxas cada vez se agitam mais :
Umas brancas, de luar, outras rijas, d'athleta . . .

N'um doido frenesi, entrar parecem qu'rer
Ella — no corpo d'elle, elle — no corpo d'ella !
Choram, gemem, dão ais . . . e no auge do prazer,
Começam a gritar para o céo que se estrélla :

— « *Ó Deuses ! attendei esta súpplica ardente :*
« *Se é verdade que ouvis as vozes que vos chamam,*
« *Os nossos corações, fundi-os n'um sómente,*
« *Fundi n'um corpo só nossos corpos que se amam !* »

Chegou ao vasto Olympo a rogativa louca;
E Zeus, o grande Zeus cuja fôrça é infinita,
As duas bôcas transformou n'uma só bôca,
E dos dois corpos fez um só : HERMAPHRODITA !

. . . . . .
. . . . . .
. . . . . .
. . . . . .

Ao pé d'uma piscina, eil-o que se detem
A ver com triste olhar, que os mais duros condoe,
Seu corpo insexual que, ao mesmo tempo, tem
Finuras de nereide e musculos de heroe.

Bizarro e estranho Ser ! Bizarra anomalia !
Crepusculo do sexo ! O Sol e a Lua amena !
Eurydice e Theseo ! A Graça e a Valentia !
Os pulsos de Nestor e os cabellos de Helena !

Sobre um thorax d'heroe, p'las costellas vincado,
Dois seios de luar, enluarados vergeis,
E na mão, dupla mão de Musa e de soldado,
Pede a palma uma espada, e cada dedo anneis!

Ai de ti, pobre Ser! fonte de ais e gemidos,
Das lesmas pobre irmão e das ostras de Ophir!
Os dois corpos estão n'um só corpo fundidos,
Porem os corações nada os poude fundir!

Brumoso Ser! Milhões de magoas o consomem,
São dois céos a chorar suas tristes pupillas:
Tem as ancias sensuaes da mulher e do homem,
Mas p'ra as satisfazer não pode desunil-as!

A bôca feminil abre-se doida, anciosa
Por bellos deuses nús, mas sem os encontrar;
E os braços, procurando uma cintura airosa
Abrem-se, mas em vão! dão abraços no ar!

Pede o seio lirial beijos de gladiador,
Pede a fronte viril, de mil virgens os beijos;
E assim, no mesmo corpo, em impetos d'amor,
Debatem-se, febris, dois deseguaes desejos.

São dois leões rivaes presos na mesma cova!
Rugem, brandem punhaes, corre o sangue escarlate!
E o corpo (arvore e flor!) que o infortunio corcova,
'Stremece ao estremecer d'esse rubro combate!

Um quer ir para a guerra, o outro pede aromas,
Um quer vencer legiões, o outro abraçar rainhas,
Um adora os heroes, o outro as femineas pomas,
Um as aguias reaes, e o outro as andorinhas!

Soltam gritos de dor, mutilam-se, permutam
Philtros excepcionaes, preparados por Circe:
Como jaula de vidro, onde dois tigres luctam,
Parece que esse corpo, ás vezes, vae partir-se...

E o corpo para o azul embalde eleva os braços!
Tem dois donos rivaes, n'uma lucta sangrenta:
Se vae a seguir um, o outro lhe tolhe os passos,
Se ao segundo obedece, o primeiro o atormenta!

Hermaphrodita, a ver se apaga co'a fadiga
A contenda minaz que o coração lhe escalda,
Põe-se então a correr, ao sol e á lua amiga,
Mil distantes regiões e oceanos de esmeralda...

Sobe aos altos pharoes, desce aos subterraneos,
Nada abranda, porém, seu intimo alvoroço:
Com uma só bôca quer dois beijos simultaneos,
Ao mesmo tempo busca uma mulher e um moço!

Se um ephebo procura, as mulheres o fascinam,
Se uma mulher possue, d'um ephebo carece,
De desejar em vão, cem magoas o dominam:
Nada, nada o contenta, e tudo lhe appetece!

Sem poder soffrer mais desespero tamanho,
Hermaphrodita um dia emfim, crispando as mãos,
Enforcou-se e morreu... mas do seu corpo estranho
Sairam, sempre hostis, os dois feros irmãos.

Chovia... E procurando uma guarida calma,
Que os livrasse da chuva, uma torre ou uma gruta,
Viram minh'alma aberta, entraram na minh'alma,
E na minh'alma estão continuando a lucta!

Coimbra, 27 de setembro de 1894.

O PEREGRINO

A ENRICO PANZACCHI.

O PEREGRINO

No horisonte,
Dilue-se do poente o faustoso matiz...
Triste, sentado n'uma velha ponte,
Um cavalleiro diz:

— « *Judith, Arminda, Ignez, Anna, a de tranças pretas,*
« *E Lydia, a sensual, foram todas as mesmas!*
« *Em vão meus pardos dias, tristes lesmas,*
« *Quizeram ser doiradas borboletas...*

« *Fartei-me de colher o mesmo beijo*
« *Em labios deseguaes :*
« *Não consegui adormecer meus ais,*
« *Não consegui matar a sede ao meu desejo . . .*

« *Trago a alma envolvida n'uma tunica*
« *Que o Cansaço teceu com lãs de cor's bem tristes . . .*
« *Onde estás tu, se acaso existes,*
« *Ó minha gemea, ó Unica ?*

« *Devo esquecer-te, devo esp'rar a tua vinda,*
« *Ou procurar-te sempre em vão será meu fado ?*
« *Vamos ! vamos ! responde ao teu amado :*
« *Vives, morreste já, ou não nasceste ainda ?*

« *Não passa uma donzella,*
« *Seja loira princeza ou timida zagala,*
« *Que eu não diga, ao fital-a :*
« *Será* ella ?

« *Já um dia pensei (em que sonhos me enredo !),*
« *Uma creança vendo ao pé d'uma velhinha :*
« — *Talvez alguma d'ellas seja* a minha ...
« *Cheguei tarde de mais ou cheguei muito cedo ?*

« *Embalde busco seus encantos e meiguice,*
« *Não consigo atinar com seu floreo jardim ...*
« *Talvez passasse já ao pé de mim*
« *Sem que eu a visse ...*

« *Mas o que mais me doe, sempre, por toda a parte,*
« *É a lembrança, ó mysteriosa amada,*
« *De que vives talvez bem desgraçada,*
« *Sem que eu possa valer-te e consolar-te ...*

« *Fanou-se, ha muito já, a primavera,*
« *Para o outomno o estio vae marchando,*
« *E emquanto, a procurar-te, vou chorando,*
« *Tu estás talvez, chorando, á minha espera ...*

« *Sempre a buscar-te vou, embora exangue já*
« *E a despeito da voz que, por noites escuras,*
« *Ironica me diz :* Aquella que procuras
« Não vive, não morreu, nem nascerá ! »

.....

N'isto, ao fundo da ponte, eis que uma Dama,
Surge, soltas ao vento as longas tranças flavas,
E a sua voz, pallida rosa, clama :
— « *Vem ! sou aquella que buscavas !* »

O Cavalleiro parte airosamente...
Mas eis que a ponte rue com formidando abalo :
Cavalleiro e cavallo
Cairam na torrente...

.....

Fervia um mar de sangue no horisonte...
Do Cavalleiro o sangue as aguas coloria...
E lá ao fundo da arruinada ponte
A Dama ria... ria... ria...

Coimbra, 31 de agosto de 1895.

O ANJO E A NYMPHA

A VITTORIO PICA.

O ANJO E A NYMPHA

Como um pallido rei adolescente,
Vindo da guerra onde perdeu a c'roa,
Pela floresta, que de espectros se povôa,
Caminha um Anjo, melancholicamente...
As pennas luminosas
Das suas azas caem doloridas,
E suas mãos de prata vão tão f'ridas
Que parecem levar ensanguentadas rosas...

Desponta a lua...
E eis que o Anjo, ao clarão micante do luar,
Vê de repente, ao pé de si, tremula e nua,
Uma Nympha a chorar.

Soluça, chora, pela dôr oppressa,
E nos olhos do Anjo reparando,
Que lacrymosamente a estão fitando,
Assim começa:

— « Chloris — eis o meu nome!
« Linda, o meu peito era um gelado inverno,
« E a Mãe do Amor, por isso, condemnou-me
« A um somno quasi eterno.

« Quando emfim despertei entre estas açucenas,
« Á sombra d'esta virida nogueira,
« Tive a impressão de haver dormido apenas
« Uma noite ligeira...
« Na ignorancia da minha desventura,
« Erguí-me alegre, fui banhar-me em claras lymphas
« E parti — frecha rapida! — á procura
« Das outras nymphas...
« Longos dias corri,
« Retalhando meus pés nos cardos seccos...

« Chamei... gritei... mas só ouvi
« A resposta dos ecchos...
« Embalde procurei o bando amigo,
« O bando alegre como as tardes de colheita...
« N'isto ! ao lembrar-me do meu castigo,
« Do meu destino atroz tive a cruel suspeita !
.....
.....
« Longo tempo dormira,
« E entretanto, suprema crueldade !
« Flagellada p'los homens sem piedade,
« De todo a minha raça se extinguira !
.....
« Já não se ouvem dos satyros as flautas,
« Que enterneciam fontes e rochedos,
« Nem relampejam entre os arvoredos
« As nymphas liriaes, fugindo, cautas...
« Torne-se negro o azul,
« O grande Pan morreu !
« E de Mercurio o alado caduceo
« Jaz caido no lodo d'um paul...
« O vento leva
« As bellas pennas do pavão de Juno,
« E do fundo do mar na impenetravel treva

« Dorme o aureo tridente de Neptuno...
« Mocidade, Alegria, Formosura,
« Tudo isso aniquilaste, Humanidade louca!
« O Amor, cavando a propria sepultura,
« Anda a tossir e a deitar sangue pela bôca...
« As Horas enluctadas
« Passam chorando, em sua dor absortas,
« E as polyphonas ondas contristadas
« Trazem á praia nereides mortas!
.....
.....
« Aventurei-me a ir um dia, por meu mal,
« A uma cidade negra, funebre, sem luz,
« Cujo povo, apinhado em fria cathedral
« De joelhos adorava uma sinistra cruz.
« Entrei: que pasmo! No meu frio collo,
« A decepção cravou suas adagas:
« A humanidade que adorára o lindo Apollo,
« 'Stava adorando um deus morto e cheio de chagas!
« De subito, ai de mim! ao verem-me, os malvados
« Ergueram-se, febris! n'um impeto fanatico,
« Cuspindo maldições, anathemas damnados
« Sobre a lactea nudez do meu corpo aromatico!
« — *Queimemo-la!* dizia o povo... E uns negros vultos

« Crueis andavam já preparando a fogueira !
« Foi então que eu fugi á multidão traiçoeira,
« Sob uma chuva hostil de pedras e de insultos !
.....
.....
« Hoje vivo escondida n'esta escura
« Floresta de recantos pavorosos,
« Tendo a augmentar a minha desventura
« A saudade dos tempos venturosos...
« Um perpetuo gemido,
« Dos meus labios confrange a primavera...
« Ai de mim ! ai de mim ! Ai quem me dera
« 'Star ainda a dormir ou ter morrido !... »

Delirante,
Louca de dor, calou-se a pobre emfim ;
E do Anjo triste a bôca soluçante
Desabrochou assim :

— « Foi seguindo os dictames
« Do Deus que me creou — ó toda viço e graça ! —

« Foi seguindo-os, que a raça dos infames
« Exterminou a tua bella raça!
« Por isso, agora, vendo-me a teu lado,
« Deves olhar-me, n'um rancor ferino,
« Como o filho d'um pobre assassinado
« Olhando, rancoroso, o filho do assassino.
« Ah! não me olhes assim! A innocencia me veste,
« E a desgraça elimina os mais velhos rancores:
« Se a saudade é o teu veo, e a dor a tua veste,
« O meu peito é um jardim de cruciantes dores!
.....
.....
« Como o teu Pan, o Deus que me creou
« Foi cuspido e exilado p'los mortaes; —
« As minhas asas, vê! 'stão cobertas de pó,
« Caem por terra, em pó, as altas cathedraes!
« Para o céo já não sobe o incenso em fumos claros,
« Sobem só maldições e torpes heresias,
« E os ciborios astraes, cheios de vinhos raros,
« Passam de mão em mão em lubricas orgias!
« Cada vez sangram mais as chagas de Jesus,
« E as c'roas e os anneis que reis e imperatrizes
« Tinham dado a Maria, ornam, cheios de luz,
« As alvas, sensuaes e loiras meretrizes!

« Assim, emquanto gemes,
« Saudosa, recordando os explendor's passados,
« O Cyllene, a Belleza, a Fôrça e os mar's prateados,
« Onde os heroes iam guiando eburneos lemes;
« Emquanto o teu olhar, n'um desgosto supremo,
« Chora doridamente o resplendor sumido,
« Tambem eu soffro e gemo,
« Tambem eu chóro o meu paraiso perdido!
.....
.....
« Expulsando do céo Santas e Seraphins,
« Fulgem igneas espadas,
« E do anjo Gabriel nos prateados jardins
« As açucenas vão expirando degoladas...
« Fugiu-me, feneceu
« A ultima esperança!
« Nunca mais! nunca mais hei-de levar ao céo
« Desejos de donzella e almas de creança! »

Calou-se o Anjo...
Os altos ramos indolentes,
Como vagas, ondeavam suspirosos...
E a Nympha e o Anjo então partiram silenciosos,

Vendo correr no azul as estrellas cadentes...
Foram dormir sob a clemente maravilha
Do luar, n'um fôfo leito de violetas...
.....
.....
D'essa união nasceu uma pallida filha,
Que é hoje a amante virgem dos poetas...

Coimbra, 23 de setembro de 95.

INDICE

	Pag.
Salomé	15
Pan	31
O Amor e a Saudade	39
Os Olhos da Illusão	45
A Monja e o Rouxinol	91
Hermaphrodita	101
O Peregrino	111
O Anjo e a Nympha	119

ACABOU DE SE IMPRIMIR
ESTE LIVRO AOS OITO
DIAS DO MEZ DE JUNHO
DE MIL NOVECENTOS E ONZE
NA TYPOGRAPHIA DO EDITOR
FRANÇA AMADO, SITA Á
RUA DE FERREIRA BORGES
NA CIDADE DE COIMBRA.

LIBRARY
MAY
14
1979
UNIVERSITY OF TORONTO

ΑΠΟΛΛΩΝ
NOÉ

BRIEF
PQD
0002172

, Eugenio De

e outros poemas

9

MAY 14 1978

DATE

911

LOCATION

Stks

EXTRA

RUSH

MD/BSB

GIFT FORM (BOOK SELECTION DEPT.)

01-804-067

UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 09 08 05 03 024 0